

**A TRANSMISSÃO NA ESCOLA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE  
MOVIMENTO FREUDIANO (EBPMF): OS EFEITOS DA PSICANÁLISE EM  
EXTENSÃO NA PRÁTICA E NA CULTURA**

*Isidoro Eduardo Americano Do Brasil*

Supondo que a Psiquiatria e sua clínica tenham oferecido à pesquisa, à teoria e à prática psicanalíticas seu campo de práxis ou seu *corpus* (BERCHERIE, 1985), pois este tem anterioridade à fundação do campo freudiano, após a criação da Psicanálise esta passou a ter uma área de interseção com o primeiro. Além de buscar tornar-se independente do campo psiquiátrico pela busca de meios próprios (diagnósticos e de exercício), visa caracterizar-se como um discurso, sem palavras, e ser a prática deste.

Na interseção entre os dois campos, estabeleceu-se um encontro viabilizado pela chamada Sessão Clínica (ou Apresentação de Pacientes); prática esta já de longa data estabelecida na Psiquiatria e tem a função de formação do psiquiatra.

Estabeleceu-se posteriormente – mais precisamente pelo ensino de Jacques Lacan – a prática estendida da Sessão Clínica com os conceitos da Psicanálise intervindo sobre a proposta psiquiátrica.

Este seria o terceiro tempo da Sessão Clínica (agora Apresentação com Pacientes) e sua marca é o sentido invertido da seta nesta interveniência entre campos – ela vai da Psicanálise à Psiquiatria, quando anteriormente o sentido era o oposto, como propomos: 1) Psiquiatria → Psicanálise; 2) Psiquiatria ← Psicanálise; 3) Psiquiatria ↔ Psicanálise.

Em nosso recorte, para esta apresentação, o interesse é a ‘criança analisante’ (sintagma tão precioso quanto pouco utilizado, criado por Rosine e Robert Lefort) – numa instituição que não é ligada à doença mental –, num esvaziamento do valor

‘doença’ para dar ênfase a um discurso em que a ‘pura diferença’ (conceito bastante preciso para definir o lugar do psicanalista) possa se estabelecer com boa precisão e o efeito de transmissão se evidenciar na delicadeza necessária.

Aqui os conceitos fundamentais da Psicanálise, o diagnóstico psicanalítico e a condução do dispositivo tomam independência maior da Psiquiatria e visa-se alcançar uma nova terra onde a dimensão precisa da fala, da linguagem e da letra da pequena criança, da ‘criança analisante’, é o foco.

Na *entrevista-ensaio* as questões se tornam independentes do cânone psiquiátrico da Sessão Clínica, passando ao campo da Psicanálise. A herança psiquiátrica é deixada ao museu da história. Passa-se a perlaborar ‘especificidades’ da prática psicanalítica com crianças.

Como exemplo de uma psicopatologia nova, posso citar o tema ‘interpreta-se ou não a produção gráfica de um sujeito não letrado (alfabetizado?)’ posto em andamento pelo processamento da *entrevista-ensaio* (que discutiremos no fragmento da práxis abaixo).

### **Nota Histórica**

Na fundação de sua Escola, Lacan criou 3 Seções e uma delas era a Sessão Clínica, em que o efeito da Clínica Médica aparece junto à Prática Psicanalítica. Isto quer dizer que, na transmissão por ele proposta, tal Seção era parte integrante do processo de transmissão. Lacan realizou o exercício da Apresentação de Doentes durante algumas décadas, em *Saint’Anne* (CZERMARK, 2007).

Neste espaço, Lacan sustentava com um paciente do Hospital uma prática, a da Entrevista Preliminar. O paciente era previamente estudado com os alunos que

trabalhavam no Hospital *Saint'Anne* e sua fala era esmiuçada durante a sessão. O diagnóstico era apresentado para o caso, as dificuldades do médico que o atendia eram discutidas, a permanência do paciente no Asilo confirmada ou infirmada, o futuro do paciente posto em questão e ainda a relação (transferencial) do paciente com a Apresentação era motivo de elaboração. A Apresentação de Doentes de Lacan se tornou tema entre os psiquiatras, os discípulos, os analisantes e os alunos na Escola Freudiana de Paris, além de ser motivo de transferência de trabalho no interior da Escola. Quero dizer que a Apresentação era desde motivo de crítica (entre os psiquiatras do Hospital) até tema de exaustiva elaboração por transferência de trabalho (entre alunos, discípulos e analisantes em grupos de trabalho e cartéis).

Existia claramente um paciente, um doente, internado no Hospital, um público (psiquiatras e psicanalistas em processo de transmissão) e um psicanalista, Jacques Lacan, que trabalhavam sob um formato e dentro de um dispositivo estendido.

### **Experiência da EBPMF – o funcionamento**

A experiência da Sessão Clínica foi encaminhada por mim na EBPMF durante 15 anos da Instituição, num Hospital Universitário. Ela era parte da transmissão na Escola e motivo para o aprendizado (seja dos analistas em processamento de transmissão, seja de Psiquiatras em formação – residentes ou especialistas, seja na discussão com o discurso Universitário).

A Sessão Clínica era na EBPMF um momento para se discutir a questão da interseção do Discurso da Psicanálise com o da Universidade. Estabelecia também um espaço de transferência de trabalho (do analista-professor-mestre, dos analistas em formação, dos médicos residentes e especialistas) e de trabalho de transferência (do paciente do Hospital, dos alunos e dos analistas).

Encerrada a fase na Universidade, encetamos uma práxis relacionada com a anterior, porém com distintos matizes, num local onde o Discurso Universitário não era diretamente prevalente e todos os que acompanham a Experiência têm um compromisso de transmissão com o discurso Psicanalítico.

A *entrevista-ensaio* toma a dimensão de ensaio no sentido freudiano de tratamento ensaio – sendo então do mesmo teor de uma entrevista preliminar.

O local da apresentação das demandas é uma creche, Nossa Senhora Aparecida, com a qual a EBPMF tem um convênio de mais de 17 anos, no qual os psicanalistas da Escola sustentam uma prática com os alunos (atualmente de 2 a 4 anos) e que consiste em uma experiência de transmissão.

Os menores são encaminhados à *entrevista-ensaio* pela coordenação da Creche, pelos psicanalistas que fazem aí sua experiência psicanalítica, pelos professores ou pelos pais/responsáveis pelas crianças.

### **O dispositivo da entrevista-ensaio**

O local e os participantes foram assim determinados para a experiência: 1) Frequência: A entrevista-ensaio é realizada uma vez por mês na Creche; 2) Participantes: corpo de psicanalistas que participam da Seção da EBPMF *Prática da Interseção*; 3) Entrevistado(s): aluno da creche para quem foi solicitada a entrevista-ensaio e/ou pais/responsável pelo aluno; 4) Duração: sem tempo fixo; 5) A entrevista: tem um primeiro tempo de sessão com o aluno da Creche e pais/responsável e um segundo tempo de discussão do caso do corpo de psicanalistas. Às vezes um terceiro tempo com o responsável; 6) É dirigida por um psicanalista e acompanhada pelo corpo de psicanalistas.

## **O nascimento para o simbólico- fragmento**

O espaço da *entrevista-ensaio* foi solicitado, desta vez pela Creche e pela Psicanalista do caso de João para fazer uma intervenção sobre uma situação de opacidade entre dois alunos. Duas doces figuras sem palavras e sem nome, João e Marcos ou JoãoMarcos, tornaram-se uma interrogação quanto a quem era quem.

Os dois gêmeos eram idênticos. Criados pela avó, pessoa apoucada e de nenhum recurso simbólico, pois já eram o 5º e 6º filhos de uma moradora de rua que não identificava quem era o pai deles. Moravam num casebre a beira dos trilhos, com os outros irmãos, filhos da mesma mãe e pais diversos.

Na Creche os dois eram identificados dia-a-dia para saber-se se se referiam a João ou a Marcos – a roupa, a marca com pilot etc. – eram marcas transitórias e sem garantia de que o identificado como Marcos era o Marcos ou que João era de fato João. Os dois não falavam. O psicanalista, após algumas sessões, teve a nítida impressão que elas marchavam de forma distinta e que João podia ora ser João e que às vezes era Marcos. Suspende o atendimento e convoca a *entrevista-ensaio* na tentativa de propiciar uma identificação e, por conseguinte, uma separação e nomeação dos pequenos.

Na *entrevista-ensaio* os dois foram juntos. A avó compareceu à sessão e disse que sabia como identificá-los. No entanto os parâmetros que ela utilizava (é maior, é mais másculo, é mais quieto etc.) não se confirmavam.

A mãe, que nunca comparecia às convocações da Creche, foi também à *entrevista-ensaio* e aguardava para entrar na sala em que eu e os psicanalistas estávamos com os dois e a avó. Na sessão com os menores, o psicanalista encarregado de dirigi-la, eu, enquanto brincava e desenhava com eles, percebi que um dos dois tinha uma cicatriz

na altura do epigástrio esquerdo (João) e que o outro tinha dois remoinhos no cabelo (Marcos).

Feita a identificação, peço a avó para esperar e chamo a mãe para a sala. Esta, uma pessoa bastante degradada e muito ameaçada pela situação do dispositivo, quando perguntada sobre a diferenciação dos dois não nos dá informações. Pergunto a ela sobre a cicatriz e ela diz que foi um *reliquat* da sala de parto quando o menor foi queimado. Nas fichas da maternidade não existem registros sobre este fato. Pergunto a ela quem foi queimado e ela afirma que foi João. Partimos do princípio que este será a partir da fala materna o registro de João.

A partir da fala materna, fazemos o parto de João para o simbólico, pela aposta de nomeação. Seu batismo se dá com o nome que lhe cabe e ele passa a caber em seu nome. Ele agora pode adotar e ser reconhecido no social pelo outro com um nome, o seu, diferenciado de Marcos – que, também, com a fixação do nome pelo remoinho podia se separar de João do estreito espaço uterino em que se encontravam já quase aos três anos e ser também reconhecido e nomeado.

A partir daí (setembro de 2009), João retoma o seu lugar de *criança analisante* e seu grafismo, que não alcançava mais que rabiscos informes, começa a tomar forma humana. A passagem dos rabiscos para a construção de arabescos humanos tem um ponto de virada marcante: quando João deixa sobre a folha a letra/mancha diferencial com Marcos – uma marca arredondada vermelha na parte superior da folha. Ele mesmo não letrado (ou alfabetizado) passa pela interpretação pela via do corpo e pela expressão gráfica de sua produção.

O real do corpo com sua marca imaginária fez saltar através, de dentro, do espelho duas crianças para a apresentação do simbólico a que não tinham acesso.

## **Conclusão Provisória**

O exercício desta experiência deposto neste trabalho, que já está no seu terceiro ano, versa sobre uma prática específica da Psicanálise no meio social. Tal prática da EBPMF, em sua novidade de produção, a inclui como parte do processo de transmissão, principalmente para os psicanalistas cuja prática de Psicanálise com crianças é um fim. Esta experiência tem se mostrado um trabalho em extensão da Psicanálise ao levar sua prática à comunidade. É também uma forma de transmissão numa Escola de Psicanálise na qual os psicanalistas participam da experiência de extensão como transferência de trabalho.

A interferência da Psicanálise na comunidade com seu Discurso e como participante do processo de acolhimento de crianças, bem como da operacionalização com seus conceitos fundamentais fora da área de saúde (ou do ensino universitário), interessa-se em específico pelo bem dito. Os meios utilizados na prática psicanalítica não diferem em nada da prática em intensão e são a forma do Discurso da Psicanálise tocar o social com sua aparelhagem teórica, de pesquisa e prática.

## **BIBLIOGRAFIA**

BERCHERIE, P. **Os fundamentos da clínica: história e estrutura do saber psiquiátrico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

CZERMAK, M. A apresentação de pacientes com Jacques Lacan. In: ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE (org.). **Psicose, aberturas da clínica**. Porto Alegre: Libretos, 2007.

## **SOBRE O AUTOR**

**Isidoro E. Americano Do Brasil**. Psicanalista, presidente da EBPMF, Doutor em Ciências pela Escola Nacional de Saúde Pública, Psiquiatra, Pedopsiquiatra,

Coordenador do Corpo Clínico do Curso de Especialização do SEPAI / Hospital São  
Zacarias – Santa Casa da Misericórdia, RJ.